

Evidências sobre o emprego e os rendimentos no sistema financeiro brasileiro

Resumo: O presente trabalho objetivou fazer uma análise sobre o emprego e os rendimentos daqueles que trabalham no setor financeiro brasileiro, a partir da estimação de modelos de regressão com equações de rendimento e das informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, de 2002 até 2012. Foi possível verificar que no setor financeiro houve um aumento do emprego no período, embora no segmento de seguros e previdência foi observada queda. Os empregados do setor financeiro são, em geral, mais qualificados, mais jovens e notou-se aumento da participação das mulheres na proporção do emprego. Constatou-se também que, apesar da redução observada no período estudado, os retornos dos empregados do setor são em média 30% superiores aos dos demais setores do mercado de trabalho brasileiro.

Palavras-chave: Rendimento; emprego; setor financeiro; diferenciais de rendimento.

Abstract: This study aimed to analyze the employment and the earnings of those who work in the Brazilian's financial sector, based on the estimation of regression models with earning equations and the informations from the National Household Sample Survey, from 2002 to 2012. It was possible to verify that the financial sector increased the employment over the period, although in the insurance and pension segments there was a decrease. The employees in the financial sector are in general, more qualified, younger and it was verified an increase in women's participation in the proportion of employment. It was also verified that despite the observed reduction in the studied period, the returns of financial sector's employees are on average 30% higher than those of the other sectors of the Brazilian labor market.

Keywords: Earning; employment; financial sector; earning differentials.

Classificação JEL: G20; J20; J31.

Vitor Gomes Reginato¹

Marina Silva da Cunha²

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Maringá. Endereço eletrônico: vitorreginato@hotmail.com.

² Professora Titular do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Maringá. Endereço eletrônico: mscunha@uem.br.

1. Introdução

Os avanços tecnológicos que atingiram o setor financeiro principalmente a partir da introdução em larga escala de computadores e tecnologias de informação aumentaram a demanda por trabalhadores mais qualificados. Deste modo, o setor financeiro tem atraído cada vez mais os jovens formandos universitários quando comparado com os demais setores da economia. Conforme Rampell (2011), nos Estados Unidos, no ano de 2006, 25% dos recém-formados de Harvard, 24% dos da Yale e 46% dos de Princeton se deslocavam para o mercado de trabalho no setor financeiro. No ano de 2010, cerca de dois anos após a grande crise financeira mundial, esses números reduziram, passando para 20%, 14% e 35,9% em Harvard, Yale e Princeton, respectivamente. Apesar desta relativa queda da participação dos formandos no setor financeiro americano, é indiscutível a importância relativa deste setor como um dos caminhos corporativos mais desejados entre os jovens recém-formados que buscam se inserir no mercado de trabalho.

Os resultados do trabalho de Philippon e Reshef (2007) indicaram que desde o início de 1980 o setor financeiro nos Estados Unidos contrata pessoas cada vez mais qualificadas e que as tarefas que seriam rotineiras não desapareceram com a introdução das novas tecnologias. Outra conclusão destes autores é que nos anos de 1970 os salários daqueles que atuavam neste setor era de 3% a 4% maior do que daqueles que trabalhavam em outros setores, passando para 20% nos anos de 1980, justificado em grande parte devido ao risco de desemprego neste setor.

No entanto, segundo Baumol (1990), para se conseguir alocar os talentos em determinadas profissões são necessários incentivos econômicos e para obter crescimento econômico é preciso alocá-los em atividades socialmente produtivas. Desse modo, para o autor, não seria muito interessante concentrar as pessoas mais talentosas no setor financeiro, visto que em outras ocupações os retornos sociais seriam maiores, apesar de os retornos privados não serem. Esse maior retorno salarial é explicado em Katz e Murphy (1991) também como sendo decorrente da maior demanda por trabalhadores mais qualificados, a qual teve grande expansão com a inserção de novas tecnologias. Assim, com o desenvolvimento tecnológico dos últimos anos houve menor necessidade de mão de obra para desempenhar as tarefas rotineiras e aumento da demanda por indivíduos mais qualificados, o que pode explicar as variações de rendimentos daqueles com maior instrução (Davis e Haltiwanger, 1991; Krueger, 1991; Mincer, 1991).

No Brasil, o crescimento do setor financeiro pode ser claramente notado através do aumento do número de agências, que passou de 17.361 em setembro de 2007 para 22.219 em dezembro de 2012, e de postos de atendimento bancário, que saltou de 38.058 para 48.222 no mesmo período, conforme informações do Banco Central do Brasil (2014). Por outro lado, esse setor passou por importantes transformações no final do século passado com os processos de liberalização comercial e financeira e de privatizações. Ademais, de acordo com Freitas (2007), que analisa as transformações que ocorreram no setor bancário brasileiro de 1995 até 2005 com o início das privatizações dos bancos, tanto da esfera federal quanto estadual, o número de emprego por agência bancária teve redução.

Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar tanto o emprego quanto os rendimentos dos indivíduos ocupados no setor financeiro brasileiro. Assim, este estudo se norteia por algumas questões. Quanto à quantidade de trabalhadores no setor, realmente houve redução de trabalhadores? Houve aumento do trabalho qualificado? Em relação aos rendimentos, como se comportaram? Os diferenciais de rendimento são realmente positivos em relação aos demais setores da economia? Buscando responder estas questões foram analisados os dados das PNAD's, de 2002 até 2012³, que embora sejam muito utilizados para realizar estudos sobre o mercado

³ A escolha desse período se justifica pela reestruturação ocorrida na pesquisa na classificação das atividades econômicas dos indivíduos ocupados, em 2002.

de trabalho, ainda não há estudos direcionados para o setor financeiro.

Desta forma, este estudo pode contribuir para a literatura econômica acerca do crescimento econômico, pois verifica o destino dos talentos da economia, estudando se há maior demanda por tais trabalhadores no setor financeiro, analisando ainda as mudanças estruturais que estão ocorrendo neste setor da economia brasileira. Ressalta-se que este setor consiste na principal fonte de financiamento para que tanto as empresas privadas quanto o setor público possam realizar seus investimentos e efetuem a produção de bens e serviços. Ademais, segundo Rocca (2004), sistemas financeiros bem desenvolvidos reduzem os riscos tanto aos emprestadores quanto aos tomadores de empréstimos, propiciam maior liquidez no mercado, facilitam as trocas de bens e serviços, além de disponibilizarem recursos de longo prazo a custos menores.

Além desta introdução e das considerações finais este trabalho está dividido em três seções. Na sequência é apresentada a metodologia e a base de dados utilizada. Posteriormente, é feita uma análise do perfil do emprego do setor financeiro brasileiro, segmentando-o em dois subgrupos. Por fim, são analisados os rendimentos e o comportamento dos retornos salariais para o setor.

2. Metodologia

2.1 Fonte dos dados

Para a realização deste trabalho foram utilizados os dados dos trabalhadores obtidos anualmente pelas Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNADs), de 2002 a 2012. A PNAD, que é realizada anualmente, desde a década 1970, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) consiste numa das principais fontes de informação sobre as condições de vida da população brasileira, englobando diversas variáveis sociais, tais como habitação, educação, trabalho, rendimentos, dentre outras. Esta pesquisa é muito importante para o estudo do mercado de trabalho do país, visto que consiste em um levantamento realizado por meio de uma amostra de domicílios abrangendo todo o país. Porém, visto que apenas a partir de 2004 a área rural da antiga região Norte passou a integrar a pesquisa, para homogeneizar a base de dados, de 2002 até 2012, as informações desta área foram retiradas a partir de 2004.

Acerca da base de dados da PNAD, Hoffmann (2000) destaca que devido ao fato desta ser uma pesquisa de autodeclaração, pode acontecer de pessoas de elevada renda sub declararem seus rendimentos, o que levaria a uma subestimação das medidas de desigualdades de distribuição de renda e das diferenciações regionais do Brasil.

Assim, as informações utilizadas são de indivíduos entre 15 e 65 anos de idade e com rendimento positivo. Além disso, foram considerados os indivíduos que apresentam informações disponíveis a respeito de idade, tempo de trabalho, escolaridade e carteira de trabalho. Objetivando realizar as estimativas do presente trabalho, foram considerados apenas os rendimentos obtidos no trabalho principal, sendo este deflacionado de acordo com o Courseuil e Foguel (2002), com base no ano de 2012.

2.2 Modelo econométrico

Neste trabalho, estimou-se uma equação de rendimentos seguindo a contribuição de Mincer (1974), cuja variável dependente (Y) é o logaritmo do rendimento do trabalho principal de cada pessoa e as características individuais e do trabalho são as variáveis de controle do modelo. Optou-se por usar o logaritmo da renda pelo fato desta possuir

forte assimetria em sua distribuição.

O modelo econométrico que estima os rendimentos dos trabalhadores do setor financeiro brasileiro foi ajustado seguindo o método dos mínimos quadrados ponderados, sendo que a maioria das variáveis explicativas do modelo em questão são binárias, assumindo o valor de 0 ou 1.

Assim, a regressão de rendimentos utilizada consiste basicamente em:

$$Y_i = \alpha + \gamma D_i + \sum_j \beta_j X_{ij} + u_i \quad (1)$$

em que α , β e γ representam os parâmetros a serem estimados, i o indivíduo, e u corresponde ao erro aleatório que possui as propriedades estatísticas usuais, média zero e variância constante, e captam todas aquelas variáveis que de certa maneira afetam os rendimentos dos trabalhadores do setor financeiro, mas que não foram consideradas no modelo de regressão.

As variáveis explicativas do modelo em questão são:

- a) Uma variável binária (D) para distinguir os indivíduos que trabalham no setor financeiro dos que trabalham nos demais setores da economia.
- b) O nível de escolaridade, sendo separado em quatro grupos: o primeiro consiste nos trabalhadores analfabetos ou que possuem ensino fundamental incompleto (nível 1); o segundo aqueles que concluíram o fundamental, porém não se formaram no ensino médio (nível 2); no terceiro grupo se enquadram aqueles que completaram o ensino médio, porém não terminaram o ensino superior (nível 3); no quarto grupo se enquadram todos aqueles que ao menos completaram o nível superior (nível 4).
- c) A idade dos trabalhadores e também o quadrado desta variável, visto que de acordo com a teoria atual é admitido que o rendimento não varia linearmente com a idade da pessoa.
- d) Uma variável binária para distinguir o sexo do trabalhador, atribuindo 1 quando for homem e 0 quando mulher.
- e) Uma variável binária para distinguir a raça do indivíduo, atribuindo valor 1 quando o mesmo for branco ou amarelo e 0 quando for não branco.
- f) Quatro variáveis binárias para distinguir as cinco regiões brasileiras, sendo a Nordeste a referência.
- g) Quatro variáveis binárias acerca do tempo semanal de trabalho do indivíduo, sendo a referência aquele que trabalha menos que 15 horas por semana.
- h) Uma variável binária assumindo valor 1 quando for empregado com carteira e 0 quando for sem carteira.
- i) Duas variáveis binárias para distinguir as três ocupações: empregado, empregador e conta própria (referência).
- j) Uma variável binária para diferenciar o trabalhador casado do não casado, atribuindo valor igual a 1 para o que for casado e 0 caso contrário.
- k) Uma variável binária para diferenciar o trabalhador que trabalha na região metropolitana daqueles que trabalham fora da mesma.

No presente trabalho são estimadas três equações de rendimentos para os trabalhadores do setor financeiro. Na primeira especificação é incluída apenas uma variável binária, sendo aquela que distingue os trabalhadores do setor financeiro dos demais setores da economia, tendo por objetivo captar o diferencial de salários entre esses trabalhadores. Na segunda especificação são incluídas todas as variáveis de

controle, com exceção da variável que diz respeito à escolaridade do indivíduo, tendo por objetivo captar os diferenciais de cada uma dessas variáveis nos rendimentos dos trabalhadores. Por fim, na terceira especificação é incluída a escolaridade, objetivando, portanto, captar se ainda há diferenciais de rendimento dos trabalhadores do setor financeiro após este controle.

Vale ressaltar que para se obter o diferencial de rendimento e por conseguinte interpretá-lo, foram necessários alguns procedimentos. Para se interpretar as variáveis que não são binárias, tais como a idade e o seu quadrado no modelo discutido, deve-se observar que o coeficiente que acompanha tais variáveis representa a taxa de crescimento que o aumento em uma unidade em tal variável implica sobre os rendimentos, ou seja, os diferenciais de salários. Por sua vez, para o caso das variáveis binárias, um procedimento diferente é necessário para a sua interpretação, em que é tomado o antilogaritmo (para base e) do coeficiente binário estimado, subtraindo 1 e multiplicando a diferença por 100, obtendo assim a semi elasticidade do regressor binário em questão.

Por fim, para se analisar o intercepto de cada especificação estimada é necessário tomar o antilogaritmo dela, tendo assim os ganhos medianos daqueles trabalhadores que apresentam as características tomadas como base neste estudo, a saber: não trabalha no setor financeiro, possui nível fundamental incompleto, é do sexo feminino, pertence ao grupo de cor não branca, trabalha na região norte no Brasil, desempenha suas atividades em região não metropolitana, trabalha semanalmente um número inferior a 15 horas, não possui carteira assinada, trabalha por conta própria, e por último, não é casado.

Na próxima seção são expostos alguns dados sobre o Brasil e o setor financeiro nacional, tais como a quantidade de pessoas empregadas, o nível de escolaridade dos trabalhadores tanto para o Brasil quanto para o setor financeiro, dentre outras características, possibilitando assim fazer uma breve análise e traçar o perfil do emprego.

3. Evolução do emprego no setor financeiro brasileiro

Na Tabela 1 pode ser observada uma série histórica abrangendo os anos de 2002 até 2012 com a população economicamente ativa ocupada no Brasil e no setor financeiro, que no caso foi desmembrado em dois subgrupos: i) bancos e ii) seguradoras e previdência.

Inicialmente, destaca-se o crescimento da população economicamente ativa ocupada no Brasil entre os anos de 2002 e 2012, passando de aproximadamente 66,7 milhões de pessoas para 85,5 milhões entre os referidos anos, com um crescimento de 28,19%. O mesmo ocorre no setor financeiro como um todo, que estava em cerca de 940 mil em 2002 e de 1,2 milhão em 2012, uma expansão aproximada de 32,67% no número de trabalhadores no setor, o que está de acordo com o crescimento do setor financeiro brasileiro no período, já observado na introdução.

Em termos relativos, pode-se destacar o fato de que dentro do setor financeiro os bancos absorvem grande parcela dos trabalhadores. Isso pode ser observado quando se analisa que, em 2002, 1,41% dos trabalhadores brasileiros estavam ocupados no setor financeiro, sendo que 1,08% pertenciam aos bancos e apenas 0,33% às seguradoras e previdência. Em 2012 houve uma pequena mudança nesses números, sendo que 1,45% dos trabalhadores brasileiros ocupavam postos de trabalho no setor financeiro, dos quais 1,20% trabalhavam em bancos e apenas 0,25% em seguradoras e previdência.

Esta participação percentual do emprego do setor financeiro no mercado de trabalho brasileiro está de acordo com a Pesquisa de Emprego Bancário (PEB), que analisa os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) sobre o emprego formal. Segundo esta pesquisa, no ano de 2011 foram gerados 1.944.500 novos postos

de trabalho na economia brasileira. O setor bancário foi responsável pela geração de 23.599, ou seja, contribuíram com 1,21% do total, sendo que este setor empregava, em 2010, 483.097 funcionários, e esta geração de postos de trabalho representou um aumento de 4,88% no estoque de emprego no ano de 2011.

Tabela 1. Evolução da população economicamente ativa ocupada total estimada ^a e no setor financeiro, 2002-2012

Ano	Brasil	Setor Financeiro		
		Total	Bancos	Seguradoras e previdências
2002	66755,14	940,39	720,97	219,42
	-100%	(1,41%)	(1,08%)	(0,33%)
2003	67802,64	990,26	750,58	239,68
	-100%	(1,46%)	(1,11%)	(0,35%)
2004	70557,03	949,98	723,97	226,01
	-100%	(1,35%)	(1,03%)	(0,32%)
2005	72658,43	966,63	732,19	234,44
	-100%	(1,34%)	(1,01%)	(0,32%)
2006	74613,08	1017,39	782,62	234,77
	-100%	(1,36%)	(1,05%)	(0,31%)
2007	77404,30	1153,78	882,86	270,92
	-100%	(1,49%)	(1,14%)	(0,35%)
2008	80395,45	1151,81	868,23	283,58
	-100%	(1,43%)	(1,08%)	(0,35%)
2009	81305,73	1127,81	834,55	293,26
	-100%	(1,39%)	(1,03%)	(0,36%)
2011	83793,76	1220,06	1026,26	193,80
	-100%	(1,45%)	(1,22%)	(0,23%)
2012	85514,94	1237,55	1027,14	210,40
	-100%	(1,45%)	(1,20%)	(0,25%)

Fonte: Elaborado com base nas PNADs. ^a A estimativa da população é obtida utilizando o fator de expansão disponibilizado pelo IBGE na PNAD.

A Tabela 2 é um pouco mais abrangente, englobando várias características dos empregados na economia brasileira como um todo, bem como daqueles empregados no setor financeiro. Os dados se referem aos anos de 2002 e 2012. No Brasil é possível verificar que no ano de 2002 grande parcela dos trabalhadores, aproximadamente 50%, se enquadrava no nível 1 de escolaridade, ou seja, aquele que capta as pessoas que não concluíram o ensino fundamental. Em 2012 esse número caiu para aproximadamente 31%, elevando a escolaridade média dos trabalhadores para 8,99 anos. Segundo Queiroz *et al* (2013) esse resultado está de acordo com a política de expansão do sistema educacional brasileiro que tem formado cada vez mais indivíduos para o mercado de trabalho. Em 2000 havia 2.694.245 alunos cursando o ensino superior, sendo que este valor passou para 6.374.299 em 2010.

No que tange aos trabalhadores do setor financeiro pode-se observar que o nível

de escolaridade está bem acima do brasileiro, sendo que de 2002 para 2012 passou de 12,23 para 13,01 anos em média, sendo nos bancos ainda maior, mostrando assim que um requisito importante para se trabalhar neste setor é o nível educacional elevado, em sua maioria com pelo menos o ensino médio completo.

Quanto à idade média dos trabalhadores do setor financeiro, ela é menor do que a brasileira, podendo ser observado, por exemplo, que nos bancos em 2012 a idade média dos seus funcionários era de aproximadamente 33,76 anos, enquanto no setor como um todo era de 34,12, e, no Brasil, 37,16 anos. Este fato está de acordo com o esperado, visto que o setor financeiro busca cada vez mais contratar aqueles que possuem maior qualificação e que são recém formados, conforme observado por Rampell (2011) e Philippon e Reshef (2007) para os Estados Unidos.

Por outro lado, se observa aumento na idade média no mercado de trabalho brasileiro, que está de acordo com o envelhecimento da população e também com a redução dos jovens no mercado de trabalho. Conforme Santos e Gimenez (2015), os fatores que contribuíram para a redução do ingresso de jovens foram o aumento do número de matriculados no ensino fundamental e médio, melhoria do emprego e da renda das famílias, menor pressão demográfica, além da intensificação de políticas públicas sociais.

Em relação à cor dos empregados, pode-se notar que tanto no setor financeiro total quanto em seus subgrupos ainda há uma predominância dos brancos em detrimento dos não brancos. O mesmo não pode ser visto no contexto do Brasil, dado a melhor equidade na distribuição dos trabalhadores brancos e não brancos.

Quanto ao sexo do trabalhador, no Brasil, ainda há uma predominância do homem frente à mulher, apesar da crescente participação da mulher no mercado de trabalho. Pode-se notar que em todos os casos houve uma queda da participação relativa do homem. Isso é ainda mais evidente dentro do setor financeiro no subgrupo de seguradoras e previdências em que em 2002 a parcela das mulheres correspondia a 48% do total empregado neste subgrupo, passando para 61% em 2012. Segundo Fontoura e Gonzalez (2009) os principais fatores que explicam o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho são: o aumento dos postos de trabalho, as transformações culturais que tem movido as mulheres para funções que antes não eram desempenhadas por elas, a própria escolarização das mulheres, e a redução da taxa de fecundidade.

Analisando a região onde está a maior parcela de trabalhadores brasileiros, pode-se notar que uma grande parcela se encontra na região Sudeste, sendo 45% se analisada a economia toda e 57% do setor financeiro total, ambos no ano de 2012. Esta maior proporção do emprego do setor financeiro na região Sudeste é um reflexo da maior estrutura deste setor nesta região, conforme já apontado por Vasconcelos *et al* (2004) que verificou maior concentração do crédito bancário nesta localidade, especialmente em São Paulo.

O emprego no Brasil se situa basicamente nas regiões não metropolitanas - 67% aproximadamente. Já os que exercem sua profissão no setor financeiro estão nas regiões metropolitanas, representando cerca de 55% do total deste setor no ano de 2012, o que também está de acordo com o esperado para este setor.

Outra característica do trabalhador se constitui na posse ou não de carteira assinada, em que se observa que de 2002 para 2012 houve uma queda relevante dos trabalhadores sem carteira assinada, passando de 51% para 42%. Essa queda também ocorreu em todo o setor financeiro, porém em uma menor magnitude, visto que neste a maior parte dos ocupados possuiu carteira assinada, passando de 81% para 86%, de 2002 para 2012.

Tabela 2. Composição das pessoas empregadas, segundo suas características, Brasil e setor financeiro, 2002-2012

Variável	Brasil		Setor Financeiro					
			Total		Bancos		Seguradoras e Previdência	
	2002	2012	2002	2012	2002	2012	2002	
Escolaridade								
Nível 1	0,49	0,31	0,05	0,02	0,05	0,01	0,07	0,02
Nível 2	0,17	0,18	0,08	0,06	0,07	0,05	0,13	0,07
Nível 3	0,26	0,39	0,53	0,48	0,52	0,46	0,57	0,57
Nível 4	0,08	0,13	0,33	0,45	0,36	0,47	0,23	0,34
Média (anos)	7,36	8,99	12,23	13,01	12,42	13,14	11,63	
Idade								
Média (anos)	35,57	37,16	33,78	34,12	33,63	33,76	34,27	
Raça/Cor								
Branco	0,56	0,49	0,80	0,70	0,81	0,70	0,77	0,70
Não Branco	0,44	0,51	0,20	0,30	0,19	0,30	0,23	0,30
Sexo								
Homem	0,61	0,58	0,53	0,47	0,53	0,49	0,52	0,39
Mulher	0,39	0,42	0,47	0,53	0,47	0,51	0,48	0,61
Região								
Sudeste	0,46	0,45	0,64	0,57	0,63	0,56	0,67	0,62
Nordeste	0,25	0,24	0,10	0,14	0,10	0,15	0,11	0,11
Sul	0,16	0,16	0,16	0,16	0,16	0,15	0,16	0,18
Centro-Oeste	0,08	0,08	0,07	0,09	0,08	0,10	0,04	0,07
Norte	0,05	0,06	0,03	0,03	0,03	0,03	0,03	0,02
Domicílio								
Metropolitano	0,33	0,33	0,57	0,55	0,55	0,54	0,61	0,60
Não metropolitano	0,67	0,67	0,43	0,45	0,45	0,46	0,39	0,40
Tempo semanal de trabalho								
até 15h	0,03	0,04	0,01	0,03	0,00	0,03	0,01	0,02
de 15h até 39h	0,19	0,19	0,25	0,26	0,29	0,28	0,12	0,15
de 40h até 44h	0,36	0,47	0,57	0,61	0,54	0,60	0,66	0,66
de 45h até 48h	0,19	0,15	0,08	0,06	0,07	0,06	0,08	0,09
≥ 49	0,22	0,14	0,10	0,05	0,09	0,04	0,12	0,08
Carteira de trabalho								
Com carteira	0,49	0,58	0,81	0,86	0,86	0,89	0,62	0,72
Sem carteira	0,51	0,42	0,19	0,14	0,14	0,11	0,38	0,28
Posição ocupação								
Empregado	0,71	0,75	0,94	0,94	0,98	0,97	0,81	0,79
Conta própria	0,24	0,21	0,04	0,04	0,01	0,02	0,14	0,17
Empregador	0,05	0,04	0,02	0,02	0,01	0,02	0,05	0,04
Condição familiar								
Casado	0,77	0,75	0,75	0,71	0,76	0,72	0,72	0,68
Não casado	0,23	0,25	0,25	0,29	0,24	0,28	0,28	0,32

Fonte: Elaborado com base nas PNADs.

Quanto à posição da ocupação é possível observar que a maioria, tanto no Brasil quanto no setor financeiro, se enquadra como sendo empregado. Um ponto que vale destacar é a diferença percentual entre os que trabalham por conta própria no Brasil daqueles que possuem a mesma posição no setor financeiro. Cerca de 21% dos trabalhadores brasileiros atuavam por conta própria em 2012, bem distante dos 4% que trabalhavam da mesma maneira no setor financeiro.

Desse modo, as características contidas na Tabela 2 são as que são consideradas neste presente trabalho como sendo as variáveis explanatórias dos rendimentos dos funcionários do setor financeiro brasileiro. Sendo assim, a seção subsequente aborda cada uma dessas variáveis, buscando mostrar seu grau de influência nos rendimentos dos trabalhadores, ou seja, nos retornos de rendimentos

4. Evidências sobre os diferenciais de rendimento no setor financeiro

Para encontrar os diferenciais de rendimentos dos trabalhadores do setor financeiro em relação aos trabalhadores dos demais setores da economia, foram estimadas três especificações para a equação de rendimentos, conforme discutido anteriormente: inicialmente se busca captar o diferencial de rendimentos de se trabalhar ou não no setor financeiro; na segunda especificação é estimado o diferencial salarial de cada variável incluída, com exceção da escolaridade; já na terceira especificação podem ser analisados os diferenciais de salário de cada variável, controlando também pelo nível de escolaridade. Esses resultados podem ser observados na Tabela 3.

Inicialmente, com relação à primeira especificação, tanto em 2002 quanto em 2012, pode-se observar que houve um aumento do salário mediano na economia quando não se trabalha no setor financeiro, passando de R\$ 651,97 para R\$ 1.754,61, nos referidos anos.⁴ Assim, pode-se dizer que houve um aumento do salário mediano dos brasileiros que não exercem funções no setor financeiro de aproximadamente 269,12% neste período.

Assim, verifica-se nesta especificação, na qual há apenas uma variável binária para captar os diferenciais de rendimentos daqueles que trabalham no setor financeiro dos demais trabalhadores, que aqueles que trabalhavam no setor financeiro em 2002 recebiam 185% a mais do que os demais trabalhadores, passando para aproximadamente 108,9% em 2012, o que aponta queda nos diferenciais de salários daqueles que trabalham neste setor.

Na segunda especificação são inseridas outras variáveis explicativas relacionadas às características pessoais e dos postos de trabalho. Desse modo, pode-se observar que houve uma queda no diferencial de rendimentos dos trabalhadores do setor financeiro quando comparado à especificação anterior. Isso devido ao fato de as demais variáveis incluídas captarem esses diferenciais, que anteriormente eram captados apenas pela *dummy* setor financeiro. O diferencial de rendimentos daqueles que trabalhavam no setor financeiro passou a ser de aproximadamente 97,2% e 72,7% em 2002 e 2012, respectivamente.

Ainda se tratando da segunda especificação, pode-se notar que a variável idade é relevante nos ganhos salariais, pois de certa maneira representa a experiência do indivíduo. Isso porque a cada ano de vida havia um aumento no rendimento dos trabalhadores de aproximadamente 8% em 2002, passando para 6% em 2012. Outra variável discutida nos trabalhos atuais é a diferença salarial entre gêneros. Nesta especificação pode observar que ela ainda existe, porém apresentou queda entre os períodos analisados, passando de 32,31% em 2002 para 28,4% em 2012 a vantagem salarial do homem em relação à mulher. A raça também se constitui em um importante

⁴ Lembrando que os valores são obtidos tomando a antilogaritmo (base e) do coeficiente estimado. No caso dos coeficientes binários, os valores em percentual são obtidos tomando o antilogaritmo (para base e) do coeficiente estimado, subtraindo 1 e multiplicando a diferença por 100.

determinante de rendimentos, sendo que os brancos apresentavam um rendimento 39,1% maior que os não branco em 2002, passando para 30,1% em 2012.

Tabela 3. Equações de rendimento estimadas para as pessoas ocupadas, Brasil, 2002-2012

Variável	2002			2012		
	Especificação			Especificação		
	1	2	3	1	2	3
Constante	6,48***	3,48***	3,41***	7,47	5,17***	5,05***
Sector Financeiro	1,04***	0,68***	0,32***	0,74	0,55***	0,27***
Escolaridade						
Nível 2	-	-	0,30***	-	-	0,23***
Nível 3	-	-	0,65***	-	-	0,47***
Nível 4	-	-	1,47***	-	-	1,17***
Idade	-	0,08***	0,07***	-	0,06***	0,05***
(Idade) ²	-	0,00***	0,00***	-	0,00***	0,00***
Sexo masculino	-	0,28***	0,37***	-	0,25***	0,34***
Cor branca	-	0,33***	0,16***	-	0,27***	0,13***
Região						
Nordeste	-	-0,43***	-0,39***	-	-0,37***	-0,30***
Sudeste	-	0,02***	0,05***	-	0,02***	0,06***
Sul	-	-0,08***	0,00	-	-0,03***	0,06***
Centro Oeste	-	0,10***	0,10***	-	0,15***	0,16***
Região metropolitana	-	0,32***	0,22***	-	0,23***	0,16***
Tempo semanal de trabalho						
15 a 39 horas	-	0,64***	0,57***	-	0,42***	0,37***
40 a 44 horas	-	0,87***	0,83***	-	0,66***	0,64***
45 a 48 horas	-	0,75***	0,83***	-	0,56***	0,62***
>= 49 horas	-	0,89***	0,95***	-	0,72***	0,76***
Carteira de trabalho assinada	-	0,53***	0,34***	-	0,45***	0,29***
Empregado	-	-0,82***	-0,06***	-	-0,12***	-0,09***
Empregador	-	0,67***	0,52***	-	0,56***	0,48***
Casado	-	0,04***	0,05***	-	0,04***	0,05***
R ²	0,01	0,42	0,57	0,01	0,35	0,49
N	146.482	146.482	146.482	148.794	148.794	148.794

Fonte: Elaborado com base nas PNADs. Coeficientes estimados são robustos à heterocedasticidade.
 * Estatisticamente significativo a 10%. ** Estatisticamente significativo a 5%. *** Estatisticamente significativo a 1%.

Outras análises ainda podem ser feitas com esses resultados, como para os diferenciais regionais. Pode-se destacar que o maior diferencial ocorre para aqueles que trabalham na região Nordeste, apresentando um rendimento 34,95% menor que os

da região Norte (região base) em 2002, passando para 30,93% em 2012. Se o trabalho fosse desempenhado nas regiões metropolitanas em 2002, o indivíduo recebia 37,71% a mais do que aqueles que trabalhavam fora das metrópoles, caindo para 25,86% em 2012. Ainda, em 2002, se a pessoa tivesse carteira de trabalho assinada o seu ganho salarial era de 69,9% superior aqueles sem carteira, caindo para 58,4%. Se o indivíduo fosse empregador em 2002 ele recebia 95,4% a mais do que aquele que trabalhava por conta própria, sendo 55,9% menor no caso de empregado.

Por fim, tem-se a terceira especificação que engloba todas as variáveis consideradas como determinantes dos rendimentos dos trabalhadores, ou seja, além daquelas incluídas na especificação anterior se adiciona a escolaridade. Em 2002, aqueles que trabalhavam no setor financeiro apresentaram um ganho 38,4% maior que aqueles que exerciam suas atividades nos demais setores da economia; já em 2012 esse acréscimo passou a ser de 31,4%. Se comparado com os dois modelos anteriores esses ganhos são menores devido ao fato de terem sido incluídas as variáveis binárias relacionadas à escolaridade que capta os investimentos em capital humano.

Assim, uma das variáveis mais importantes e que é essencial destacar na terceira especificação é a escolaridade. Esta é considerada na literatura como sendo uma das principais formas de se agregar valor aos retornos individuais, ou seja, uma das melhores maneiras de se investir em capital humano, apesar de haver outras, tais como experiência e saúde. Segundo Schultz (1962) e Denison (1962) a educação é importante na determinação da produtividade, sendo que Romer (1990) também concluiu que capital humano gera novas tecnologias que resultam em ganhos de produtividade.

Esses ganhos salariais podem ser vistos nos resultados das estimativas para a terceira especificação. Quem possuía o ensino médio incompleto apresentava um ganho salarial de 35%, caindo para 25,9% em 2012; aquele que possuía o ensino superior incompleto possuía um diferencial salarial de 91,5% em 2002 frente aos 60% de 2012; ademais, o valor mais expressivo é visto naqueles que possuem pelo menos o ensino superior completo, apresentando aqui um prêmio salarial de 334,9% em 2002 e 222,2% em 2012. Vale lembrar que esses prêmios de rendimento são em relação ao grupo tomado como base, ou seja, aqueles que são analfabetos ou possuem o ensino fundamental incompleto.

Note que a importância da educação na determinação dos diferenciais de rendimentos se reflete nas demais variáveis, ou seja, com a sua inclusão algumas reduzem seu impacto na determinação dos rendimentos. A variável idade na especificação 3 tem uma influência menor que no modelo anterior: em 2002, a cada ano adicional de vida o rendimento aumentava 7%, passando para 6% em 2012. Já para a variável sexo o homem tinha um ganho salarial de 44,8% frente à mulher em 2002, passando para 40,1% em 2012. Este fato pode ser explicado pela escolaridade média superior entre as mulheres.

Em relação à cor do trabalhador, o branco em 2002 ganhava 17,3% mais que o não branco, sendo que essa diferença passou para 13,9% em 2012. Semelhante ao modelo anterior, neste modelo os trabalhadores do Nordeste também apresentam um diferencial de rendimento negativo se comparado com os do Norte, sendo de aproximadamente 32,3% em 2002 e 25,9% em 2012.

Nesta última especificação, os que trabalhavam na região metropolitana apresentaram um ganho salarial de 24,6% em 2002, reduzindo para 17,3% em 2012. Em 2002, se o trabalho fosse com carteira assinada, o trabalhador tinha um salário 40,5% maior do que se fosse sem carteira assinada, passando para 33,6% em 2012. De acordo com esta estimativa, se o trabalhador fosse empregador, recebia um rendimento 61,6% maior do que aqueles que trabalhavam por conta própria, em 2012.

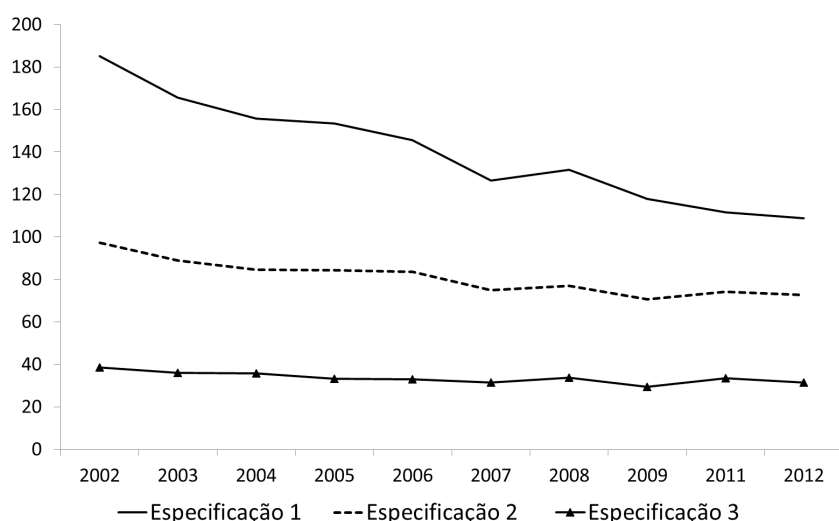
Outro ponto importante de se destacar é sobre o ajustamento das estimações que em 2002 era de 0,01, quando se incluía apenas a *dummy* setor financeiro, passando para 0,57 ao se incluir todas as variáveis de controle. Para 2012, este coeficiente atingiu

0,49, se constituindo um bom ajuste, pois são utilizados microdados neste trabalho.

Tomando como base as três especificações estimadas na Tabela 3, foi elaborada a Figura 1, na qual são apresentadas três séries históricas, de 2002 até 2012, a respeito dos diferenciais de rendimento para o setor financeiro. Pode-se observar que os prêmios de rendimento do setor financeiro na primeira especificação são os maiores, devido ao fato de serem omitidas diversas variáveis relevantes, sendo os efeitos destas captados pela binária do setor financeiro. É possível verificar que os ganhos salariais neste modelo apresentaram uma tendência de queda no período analisado, passando de 185% em 2002 para 108,9% em 2012.

Já na segunda especificação pode-se observar que o diferencial de salário auferido pela pessoa que trabalha no setor financeiro reduziu quando comparado com a primeira, devido à inclusão de outras variáveis explicativas. Com isso, pode-se observar que nesta especificação os prêmios salariais do setor financeiro também apresentaram tendência de queda semelhante à anterior, porém menos acentuada, passando de 97,2% em 2002 para 72,7% em 2012.

Figura 1. Prêmios de rendimento no setor financeiro sem variáveis de controle, com algumas e com todas, incluindo educação, Brasil, 2002-2012



Fonte: Elaborado com base nas PNADs.

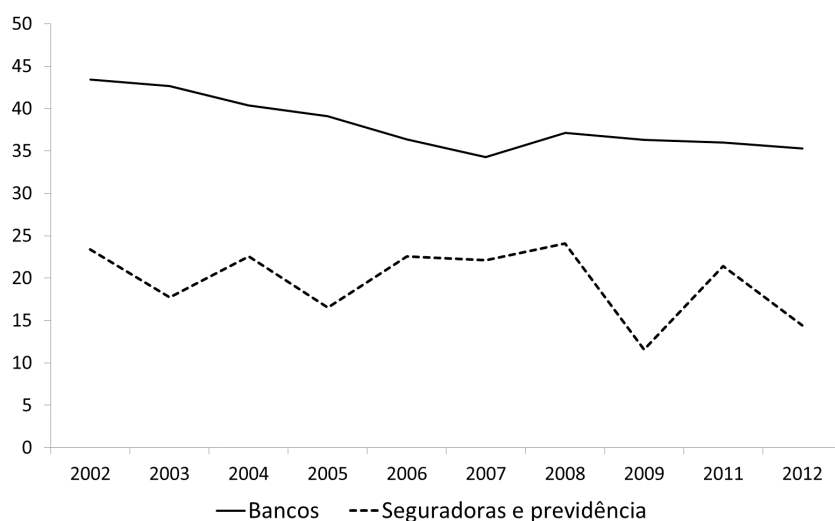
Já na especificação 3 pode-se observar que o prêmio de rendimento do setor financeiro é o menor que ocorre pois ao se incluir as demais variáveis explicativas dos rendimentos, deixa de haver a distorção que havia sobre a variável *dummy* setor financeiro, ou seja, esta variável deixa de captar os efeitos de diferenciais salariais das demais variáveis para apresentar apenas o diferencial salarial efetivo gerado para o trabalhador que atua no setor financeiro.

Ao se incluir todas as variáveis explanatórias, inclusive o nível de escolaridade, o prêmio de rendimento de se trabalhar no setor financeiro passou a ser de 38,4% em 2002 e de 31,4% em 2012, apresentando aqui uma pequena tendência de queda, muito menos acentuada se comparada às especificações anteriores. Esse fato decorre da inclusão do nível de escolaridade na análise, que de acordo com a literatura se constitui em um dos principais determinantes dos rendimentos.

Outra análise que pode ser feita a respeito dos diferenciais de rendimentos gerados

pelo setor financeiro consiste em deixar de analisar este setor como um todo e observá-lo em suas divisões. Essa estimativa foi obtida a partir da especificação 3, substituindo a binária do setor financeiro por outras duas binárias: uma para distinguir os trabalhadores do subsetor bancos e outra para distinguir os trabalhadores das seguradoras e previdência. Assim, a Figura 2 traz os diferenciais de rendimentos estimados tanto pelos bancos quanto pelas seguradoras e previdência entre os anos de 2002 até 2012. De acordo com as estimativas se nota que os prêmios de rendimento dos bancos são bem maiores que os das seguradoras e previdência, sendo de 43,4% e 23,4%, respectivamente, no ano de 2002.

Figura 2. Prêmios de rendimentos dentro do setor financeiro com todas variáveis de controle, 2002-2012



Fonte: Elaborado com dados das PNADs.

No grupo dos bancos se observa uma nítida tendência de queda nos prêmios de rendimentos no período analisado, sendo que passou de 43,3% em 2002 para 35,3% em 2012. Já no grupo de seguradoras e previdência não fica muito clara uma tendência de queda nos ganhos de rendimentos, visto que ocorrem várias alternâncias de crescimento e declínio nos prêmios salariais.

Um ponto que vale destacar é o prêmio salarial das seguradoras e previdência no ano de 2009, visto que apresentou uma sensível queda, passando de 24,1% em 2008 para 11,6% em 2009. Essa brusca queda nos diferenciais de rendimento deste grupo pode ser explicada pela crise mundial que se iniciou nos anos 2008, a qual elevou as incertezas e o nível de desemprego, e como consequência disso houve uma queda nos ganhos de rendimento neste grupo.

Outro aspecto que também é interessante analisar são os diferenciais de salários daqueles que trabalham dentro do setor financeiro e também daqueles que exercem suas atividades em cada subgrupo do mesmo, ou seja, nos bancos e nas seguradoras e previdências. Para tanto, foram estimadas três equações de rendimentos: a primeira captando os diferenciais de rendimentos daqueles que trabalham no setor financeiro; a segunda capta os diferenciais de salários daqueles que exercem suas funções nos bancos; e a terceira que mostra os diferenciais dos que trabalham nas seguradoras e previdências. Na Tabela 4 podem ser observadas estas estimativas.

De acordo com os resultados fica evidente que um dos grandes responsáveis pelos

diferenciais de salários é o nível de escolaridade, visto que em todos os casos analisados, aqueles que possuíam o ensino superior completo recebiam um ganho salarial superior, sendo, por exemplo, de aproximadamente 210,61% dentro do subgrupo bancos.

Tabela 4. Equações de rendimento estimadas para as pessoas empregadas no setor financeiro, Brasil, 2002-2012

Variável	2002			2012		
	Setor Financeiro	Bancos	Seguradoras e previdência	Setor Financeiro	Bancos	Seguradoras e previdência
Constante	3,46***	3,70***	3,31***	5,71***	6,04***	5,48***
Escolaridade						
Nível 2	0,27***	0,35***	0,19	0,22	0,18	0,41**
Nível 3	0,81***	0,87***	0,73***	0,59***	0,54***	0,80***
Nível 4	1,33***	1,37***	1,26***	1,19***	1,13***	1,30***
Idade	0,07***	0,06***	0,08***	0,06***	0,06***	0,08***
(Idade) ²	0,00***	0,00*	0,00**	0,00***	0,00***	0,00***
Sexo masculino	0,29***	0,26***	0,37***	0,29***	0,26***	0,35***
Cor branca						
Região	0,21***	0,19***	0,24***	0,19***	0,19***	0,24***
Nordeste	0,07	-0,04	-0,13	-0,08	-0,07	-0,33
Sudeste	0,02	-0,03	0,06	-0,08	-0,09	-0,11
Sul	0,11*	-0,13*	-0,02	-0,07	-0,09	-0,11
Centro Oeste	0,18***	0,17**	0,06	0,11*	0,10	0,02
Região metropolita	0,08***	0,11***	0,00	0,13***	0,15***	0,08
Tempo semanal						
15 a 39 horas	0,62**	0,55*	0,76**	-0,17	-0,12	-0,55***
40 a 44 horas	0,81***	0,77**	0,96**	-0,04	0,01	-0,23**
45 a 48 horas	0,81***	0,71**	1,06***	-0,04	-0,04	-0,08
>= 49 horas	0,85***	0,83**	0,89**	0,31**	0,44***	-0,17
Carteira de trabalho	0,32***	0,4***	0,08	0,25***	0,31***	-0,03
Empregado	0,00	-0,16	0,03	-0,21**	-0,48***	-0,06
Empregador	0,31*	0,27	0,42*	0,52***	0,36	0,58**
Casado	0,07**	0,09**	0,00	0,02	0,02	-0,02
R ²	0,57	0,59	0,53	0,50	0,51	0,51
Observações	1954	1498	456	2026	1686	340

Fonte: Elaborado com base nas PNADs. Coeficientes estimados são robustos à heterocedasticidade.

* Estatisticamente significativo a 10%. ** Estatisticamente significativo a 5%. *** Estatisticamente significativo a 1%.

Outra variável que é relevante para determinar os diferenciais de salários dentro do setor financeiro é a raça ou cor do indivíduo. Isto porque os valores mostram que dentre aqueles que trabalhavam nas seguradoras e previdências em 2012, os que eram brancos tinham um rendimento de aproximadamente 26,88% maior do que os não brancos.

A diferença salarial quanto ao sexo do trabalhador também fica evidente quando se observam os resultados. No ano de 2012, entre aqueles que trabalhavam no setor financeiro, os homens recebiam um salário de aproximadamente 34,15% maior do que as mulheres que desempenhavam a mesma função. O mesmo acontecia dentro dos bancos, nos quais os homens tinham um diferencial de rendimento de 29,59% quando comparados com as mulheres no ano de 2012. Nas seguradoras e previdências este fato é ainda mais evidente, visto que tanto em 2002 quanto em 2012 os homens tinham um ganho salarial de mais de 40% se comparado com as mulheres, apesar dessa diferença ter se reduzido quando se analisa o período de 2002 a 2012.

De acordo com os resultados obtidos, a cada ano, o trabalhador que atua dentro dos bancos obtinha um ganho salarial de aproximadamente 5,83% em 2012; por sua vez nas seguradoras e previdências esse ganho era de 7,62% no mesmo ano. Esses valores mostram que outra característica muito valorizada no mercado de trabalho brasileiro e, mais especificamente, no setor financeiro é o grau de experiência que o trabalhador possui, visto que a idade representa uma *proxy* para experiência.

Assim, os resultados do trabalho evidenciam que o emprego no setor não reduziu, mas permaneceu relativamente estável atingindo aproximadamente 1,5% dos postos de trabalho no país em 2012, o que pode ser explicado pelo seu crescimento econômico, contrabalançando a utilização de trabalho qualificado e tecnologia poupadora de mão de obra. Conforme Philippon e Reshef (2007), no início dos anos 2000 esse setor representava 4,3% do mercado de trabalho americano, o que pode sinalizar que ainda há espaço para o crescimento do emprego nesse setor no Brasil. Por sua vez, mesmo controlando por características pessoais e regionais, em média, o setor financeiro remunera melhor seus trabalhadores que o restante da economia, atraindo especialmente os mais jovens e mais qualificados.

5. Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi analisar tanto o emprego quanto os rendimentos do setor financeiro brasileiro. Inicialmente, foi possível constatar que apesar da introdução de novas tecnologias na indústria financeira, a população economicamente ativa ocupada no setor passou de 1,41% para 1,45% do mercado de trabalho brasileiro, de 2002 para 2012.

Em relação ao nível de escolaridade é indiscutível o elevado grau de capital humano intrínseco nos trabalhadores do setor financeiro. Verificou-se que esse perfil mais qualificado contribuiu para que os rendimentos dos trabalhadores desse setor apresentassem um diferencial positivo quando comparados com os dos demais setores da economia.

Assim, fica claro também neste trabalho a importância da variável escolaridade nos retornos auferidos aos trabalhadores. Apesar da queda quando comparado os anos de 2002 e 2012, aqueles que possuíam nível superior completo em 2012 recebiam um salário 222,2% maior do que aqueles que possuíam até o ensino fundamental incompleto, utilizados como referência. Esta evidência está de acordo com a teoria do capital humano que busca explicar os diferenciais nos rendimentos obtidos pelos trabalhadores.

Outro ponto que é importante destacar é a sensibilidade deste setor às flutuações da

economia global, mais precisamente o grupo de seguradoras e previdência, visto que no ano após a crise mundial de 2008 houve um queda nos prêmios desses trabalhadores.

Dessa maneira, fica evidente que no setor financeiro brasileiro há uma concentração de trabalhadores com alta qualificação, mais jovens e que recebem um diferencial de rendimento expressivo e que, apesar das transformações tecnológicas, o emprego no setor não reduziu. Ademais, ainda há perspectivas para que esse setor amplie sua participação no mercado de trabalho, considerando sua importância em países mais desenvolvidos

Referências

AMADO, A. M.; CARUSO, P. R. S. Liberalização, vulnerabilidade financeira e instabilidade: algumas considerações sobre a economia brasileira. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 20, n. 3 (43), p. 475-499, dez. 2011.

BCB (Banco Central do Brasil). Sistema Financeiro Nacional. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>> Acesso em dez./2014.

BALASSIANO, M.; SEABRA, A. A.; LEMOS, A. H. Escolaridade, salários e empregabilidade: tem razão a teoria do capital humano. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 9, n. 4, p. 31-52, 2005.

BARBOSA, F. H. O sistema financeiro brasileiro. Disponível em: <<http://www.fgv.br/professor/fholanda/Arquivo/Sistfin.pdf>> Acesso em: 10/06/2014

BARBOSA, A. L. N. H.; SOUZA, P. H. G. F. Diferencial Salarial Público-Privado e Desigualdade dos Rendimentos do Trabalho no Brasil. *IPEA – Boletim de Mercado de Trabalho*, Brasília, v. 1, n 53, p. 29-36, 2012.

BAUMOL, W. J. Entrepreneurship: Productive, Unproductive, and Destructive. *Journal of Political Economy*, 98, p. 893-921. 1990.

COURSEUIL, C. H.; FOGUEL, M. N. Uma sugestão de deflatores para rendas obtidas a partir de algumas pesquisas domiciliares do IBGE. Rio de Janeiro: Ipea, 2002. (Texto para Discussão n. 897)

DAVIS, S. J.; HALTIWANGER, J. Wage dispersion between and within US manufacturing plants, 1963-1986. National Bureau of Economic Research, 1991. (Working paper n. 3722)

DENISON, E. The sources of Economic Growth in the United States. New York: Committee for Economic Development, 1962.

DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos). Pesquisa de Emprego Bancário. São Paulo, ano 4, nº 12, 2012.

FREITAS, M. C. P. Evolução e determinantes do crédito bancário no período 2001-2006. Relatório do Projeto de Pesquisa—O Brasil na era da globalização: condicionantes

domésticos e internacionais ao desenvolvimento. Campinas: Cecon/IE/Unicamp e Rio de Janeiro: BNDES (mimeo), 2007.

FONTOURA, N. O.; GONZALEZ, R. Aumento da participação de mulheres no mercado de trabalho: mudança ou reprodução da desigualdade? Mercado de trabalho, n. 41, nov., pp. 21-26, 2009.

HALVORESEN, R.; PALMQUIST, R. The interpretation of dummy variables in semilogarithmic equations. *American Economic Review*, v. 70, n. 3, p. 474-475, 1980.

HERMANN, J. Liberalização e desenvolvimento financeiro: lições da experiência brasileira no período 1990-2006. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 19, n. 2 (39), p. 257-290, Ago. 2010.

HOFFMANN, R. Mensuração da desigualdade e da pobreza no Brasil. In: HENRIQUES, R. (Org.). *Desigualdade e pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: IPEA, p. 81-127, 2000.

KATZ, L. F.; MURPHY, K. M. Changes in relative wages, 1963–1987: supply and demand factors. *The quarterly journal of economics*, v. 107, n. 1, p. 35-78, 1992.

KRUEGER, A. B. How computers have changed the wage structure: Evidence from microdata, 1984-1989. National Bureau of Economic Research, 1991. (Working paper n.3858)

MINCER, J. Scholing, Experience, and Earnings. National Bureau of Economic Research. Distributed by Columbia University Press, New York, 167p., 1974.

MINCER, J. Human capital, technology, and the wage structure: what do time series show? National Bureau of Economic Research, 1991. (Working paper n. 3581)

NETO, A. B. F.; FREGUGLIA, R. S.; FAJARDO, B. A. G. Diferenciais salariais para o setor cultural e ocupações artísticas no Brasil. *Economia Aplicada*, Ribeirão Preto, v. 16, n.1 Jan./Mar. 2012.

PAINCEIRA, J. P.; CARCANHOLO, M. D. Abertura financeira e vulnerabilidade externa na América Latina: os impactos sobre Brasil, México e Argentina. In: *Anais ... VII Encontro Nacional de Economia Política*, Curitiba, 2002.

PAULA, L. F.; PIRES, M. C. C.; FARIA, J. A.; MEYER, T. R. Liberalização financeira, performance econômica e estabilidade macroeconômica no Brasil: uma avaliação do período 1994-2007. *Nova Economia*, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, Set./Dez. 2012.

PHILIPPON, T.; RESHEF, A. Skill biased financial development: education, wages and occupations in the US financial sector. National Bureau of Economic Research, 2007. (Working paper n. 13437)

QUEIROZ, F. C. B. P.; QUEIROZ, J. V.; VASCONCELOS, N. V. C.; FURUKAVA, M.; HÉKIS, H.; PEREIRA, F. A. B. Transformações no ensino superior brasileiro: análise das instituições privadas de ensino superior no compasso com as políticas de Estado. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 79, p. 349-370, abr./jun. 2013.

RAMPELL, C. Out of Harvard and into Finance. *New York Times*, Blog Economix. 2011.

REIS, M. C.; AMBROZIO, A. M. H. P.; MACHADO, D. C. Uma análise da relação entre tecnologia no local de trabalho e rendimentos no Brasil. *Economia Aplicada*, v. 15, n. 3, p. 459-483, 2011.

ROCCA, C. A. Mercado de Capitais eficiente: condição para o crescimento sustentado. In: *Anais ... XVI Fórum Nacional Economia do Conhecimento, Crescimento Sustentado e Inclusão Social*. Rio de Janeiro, 2004.

ROMER, P. M. Endogenous Technological change. *Journal of Political Economy*, 98: 571-102, 1990.

SAMPAIO, A. V.; CUNHA, P. H. F. Liberalização financeira brasileira na década de 1990: Há uma conclusão possível? In: *Anais ... II Encontro Internacional da Associação Keynesiana Brasileira*, Porto Alegre, 2009.

SANTOS, A. L.; GIMENEZ, D. M. Inserção dos jovens no mercado de trabalho. *Estudos Avançados*, v. 29, n. 85, pp. 154-168, 2015.

SCHULTZ, T. W. Reflections on Investment in Man. *Journal of Political Economy*, 70 (5): 1-8, 1962.

SICSÚ, J. Rumos da Liberalização Financeira Brasileira, *Revista de Economia Política*, São Paulo, v. 26, n 3, p. 507-515, Jul/Set. 2006.